

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM *A FESTA*, DE IVAN ÂNGELO

TERESA CRISTINA DE OLIVEIRA PORTO¹

RESUMO

A partir da década de 70, a produção literária adere à historicidade, assumindo características de um desdobramento estético. Nesse momento a escrita é tida como referência dos romances do período ditatorial. Alguns recursos são utilizados pelos escritores em suas obras, como o diálogo repleto de ironia, recorrem-se também ao diário, ao rompimento da ação narrativa e pela presença da linguagem jornalística. Nesse contexto, algumas obras foram significativas para o ressurgimento da produção literária e suas repercussões tanto na história quanto na literatura nacional. Assim sendo, este trabalho analisa a forma como a violência é representada no romance *A festa* (1976), do jornalista e escritor Ivan Ângelo, com o intuito de evidenciar as estratégias do autor ao relatar, por meio da arte, um momento da história do país, em um período de violência e autoritarismo. A obra apresenta um caráter fragmentário, que busca representar a ditadura civil militar no Brasil, nos “anos de chumbo”, a fim de elucidar suas consequências para a sociedade brasileira. O período ditatorial foi marcado por sentimentos como a insegurança, a incerteza, a solidão, a dor, a iniquidade, a injustiça e o medo. Para tanto, esta pesquisa balizou-se em artigos históricos e obras bibliográficas de cunho crítico-literário. A narrativa em análise não apresenta um desfecho “acabado”, as histórias, assim como as vidas de muitos brasileiros são interrompidas, em consequência do período ditatorial. Narrativas que retratam uma realidade de dor trazem à luz a discussão sobre problemáticas que se arrastam até os dias atuais, principalmente nos últimos anos.

Palavras-chave: Violência e autoritarismo. A festa. Ditadura.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Teresina-PI, teresaporto28@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe analisar a representação da violência na obra *A festa*, de Ivan Ângelo, publicada nos anos 70, período mais repressivo da Ditadura Militar, que ficou conhecido como “anos de chumbo”.

A obra relata uma época caracterizada pela falta de democracia, supressão dos direitos constitucionais, censura, perseguição política, repressão e assassinatos aos que eram contra o regime militar. Nessa guerra, estavam de um lado ideais socialistas e revolucionários, estudantes e trabalhadores, e, do outro, o conservadorismo e as influências capitalistas de banqueiros, de empresários, da igreja católica e dos militares.

Ao ler a obra percebe-se explicitamente como as pessoas que tinham ideias contrárias aos conservadores foram perseguidas e torturadas naquela época. Instituições, civis e profissionais de diversas áreas foram repreendidos pelo poder dos militares, que, por mais de duas décadas, implantaram o autoritarismo no Brasil. Usaram da força, da violência e da subversão para garantir a “ordem” em um país que ainda tentava se recuperar de anos de violência em sua história.

Apesar dos mais de trinta anos pós-ditadura, o país ainda não se recuperou desse trauma e, atualmente, está sob constante ameaça de um novo golpe. O silêncio tomou conta como forma de camuflar o estrago causado à nação. Percebe-se que a força ainda é usada quando se conjuram situações opositoras ao conservadorismo.

A relação entre a Política e a Literatura se evidencia nesta obra de Ivan Ângelo. Através da construção de um romance composto por contos, o autor relata o cotidiano das pessoas que estavam vivendo aquele momento de guerra civil. Os personagens Marcionílio, Andrea, Roberto, Carlos, e todos os demais presentes na obra retratam fatos da história do país no período da ditadura. A narrativa mostra, por meio da ficção, situações reais daquela época de dor e violência.

Ângelo, por meio da sua obra, proporcionou e proporciona aos interessados o relato de um tempo em que autoritarismo e poder eram sinônimos de ordem. Analisando o conto, mais precisamente as personagens, evidencia-se em suas atitudes a incerteza de um conflito. Isso se reflete pela instabilidade vivida por cada pessoa durante o período ditatorial. Não se pode, contudo, pela condução do enredo, afirmar que foram subversivos, que estavam planejando um ataque na Praça Estação, ou se tudo não passou de uma coincidência de pessoas que se preparavam para mais uma “festa”, naquele março de 1970.

Nos capítulos “Antes da Festa” e “Depois da Festa”, há uma descrição explícita do autoritarismo na ditadura, com cenas de tortura psicológica, sexual, física e moral. Além de perseguição, repressão, omissão por parte do poder judiciário e abuso do poder dos militares e da polícia. Há personagens que não se sabe o desfecho. Um reflexo do que acontecia naquele momento - pessoas conhecidas desapareciam sem deixar vestígios.

A festa se configura como uma grande metáfora do período truculento que o país enfrentava. Sabe-se apenas o que aconteceu antes e depois da festa, por que o “durante” não existe, uma vez que essa é a história do Brasil na ditadura: sem registros, sem nomes e só uma “face” da história.

Para isso, busca-se entender a relação do autor com a obra em questão. Com sua experiência jornalística, o também escritor Ângelo usou de suas habilidades para relatar um momento da história brasileira, décadas de dor e que não foram “apresentadas” à boa parte dos brasileiros - personagens principais dessa história. Por essa razão, talvez, o autor, através da literatura, tenha registrado aos que viriam décadas depois da ditadura como a tão almejada liberdade foi alcançada. Revelando que o preço pelo status democrático do Brasil custou vidas, e, até os dias atuais, acompanha as lembranças de quem viveu e sofreu aquele momento do regime autoritário.

Ângelo nasceu na cidade de Barbacena, em 1936. Entre suas múltiplas habilidades está a de jornalista, romancista, contista, cronista, professor e tradutor. Em 1955, iniciou a carreira de jornalista no jornal Diário da Tarde. Em parceria com o também escritor e jornalista Silvano Santiago, edita a revista Complemento, em 1956. No ano de 1959, publica o primeiro livro de contos **Homens sofrendo no quarto**. Em 1961, passa a editar a revista 3 Tempos, colabora com o jornal Correio de Minas, e ainda com Silvano Santiago publica o livro de contos **Duas Faces**. Muda-se para São Paulo em 1963, e, em 1965, passa a ser editor do Jornal da Tarde, assumindo o cargo de secretário da redação, em 1968. Em 1998, foi para os Estados Unidos como professor residente de literatura brasileira na Universidade da Califórnia.

Quanto à sua experiência com a ditadura, Ângelo foi jornalista durante esse período. Como a imprensa era censurada, a maneira que os jornalistas atuantes, como Ângelo, encontraram na literatura o meio de denunciar as atrocidades daquela época.

Quanto à obra **A festa**, o autor começou a escrevê-la no ano de 1963, interrompendo-a em 1964, em consequência da censura. Retoma a obra dez anos depois e só a conclui em 1975. Não conseguiu publicar no mesmo

ano devido ao polêmico tema que abordava. Em 1976, em uma pequena editora de São Paulo, publica o romance, que lhe rendeu o prêmio Jabuti. O livro já foi publicado em várias línguas com algumas reedições.

Além do romance **A festa**, Ângelo publicou outras obras com a temática do autoritarismo, violência, opressão e dor causados pelo regime militar no Brasil. Para o autor, escrever sobre essa temática era uma forma de resistência, uma vez que os artistas, jornalistas, escritores, estudantes e muitos outros brasileiros não tinham como se defender da ditadura instalada no Estado.

A escolha dessa temática para o desmembramento desse trabalho dar-se como forma de resgate aos tantos brasileiros que perderam sua vida, como também a busca de reparar os males causados à sociedade. Para alguns a ditadura militar será uma dolorosa lembrança que os acompanhará sempre, enquanto para outros não passou de um fato histórico como meio a alcançar a tão almejada democracia.

DESENVOLVIMENTO

Esta pesquisa tem um objetivo explicativo, uma vez que busca esclarecer as relações de causa e efeito dos fenômenos artísticos. Destarte, no que se refere à definição das fontes, investigou-se a análise crítica e teórica da fonte primária. No que tange à apresentação dos resultados, é uma pesquisa qualitativa, substanciada por meio da revisão bibliográfica, visto que avalia o que já se reproduziu sobre o assunto em questão. Em sua grande maioria, as análises foram orientadas entre as teses e antíteses apresentadas pelos dados da pesquisa. Desse modo, o procedimento também prevê uma incursão na crítica marxista, pois trabalha primordialmente com as relações entre narrativa literária, política e sociedade.

Isso posto, faz-se necessário uma contextualização dos conceitos que balizam esta análise, a fim de compreender as devidas tessituras teóricas da pesquisa. O trabalho se desdobra a partir do processo de formação do Brasil – da colonização à atualidade; seguindo da discussão acerca da ditadura civil militar, para, então, observar como a narrativa ficcional **A festa**, de Ivan Ângelo contribui para o entendimento dessa parte da história nacional.

Sabe-se que a modernização da sociedade brasileira traz em sua história marcas hostis em decorrência de anos de violência e opressão, é só investigar o histórico dos conflitos, guerras e movimentos repressivos que o país experienciou para conquistar sua independência (FAUSTO, 1998).

A exemplo, dos primeiros colonizadores, os europeus, que impuseram sua cultura aos nativos, da agressiva forma como “civilizaram” os índios, monopolizando sua identidade. A violência é intrínseca à formação histórica do Brasil.

Literatura e Política

É nesse contexto de violência da sociedade brasileira, que Karl Erik Scholhammer se propôs estudá-la como eixo para entendimento de determinados artefatos culturais. Scholhammer (2000), explica que a violência teve um papel fundamental, constitutivo, na cultura nacional, inclusive tornando-se elemento fundador da sociedade.

Isso reflete a formação social brasileira, que é sustentada pela presença firme do exercício autoritário, em diversos contornos da política. A sociedade brasileira tem, em sua formação, registros violentos de práticas autoritárias e desigualdade social.

Essas são heranças que vêm desde a colonização, com a imposição do modo de vida europeu. Seduída da escravidão, época em que pessoas eram tratadas como peças e viviam à margem da sociedade aristocrática com um trabalho de esgotamento. A privação do homem, a submissão da qual a sociedade brasileira nunca se desvencilhou, como ressalta Jaime Ginzburg:

Um dos traços da especificidade do caso brasileiro é a extraordinária longevidade da cultura e das práticas autoritárias, independentemente, como já dissemos, da transformação do regime político ou da complexidade crescente do passado. (...) O caso do Brasil mostra que o autoritarismo e o arbítrio podem persistir apesar da abertura democrática, das eleições e da reforma constitucional. A tortura sistematicamente administrada persiste nas delegacias de política em todo o país (PINHEIRO, 1991, *apud* GINZBURG, 2001, p.124).

Com a sociedade ainda fragilizada pela sua formação social, resultante de um processo intensamente truculento, instala-se a ditadura militar, período marcado pelo autoritarismo e pela violência. Nesse contexto, Ginzburg (2001) define autoritarismo como um regime político em que existe um controle da sociedade por parte do Estado, esse por sua vez manipula as formas de participação política e restringe a possibilidade de mobilização social.

O Estado se impõe autoritariamente sobre a sociedade civil, subvertendo valores e deixando na sociedade traumas que jamais serão superados. Para Antonio Candido (1972), a representação do Estado pela polícia modifica a personalidade do repressor, levando-o a colaborar com seus interesses. O transgressor assumia o papel de outro quando era submetido à postura opressora da polícia. A repressão tinha caráter legal para aprovar as atitudes dos repressores que algumas vezes também eram transgressores. O Estado, para se manter no poder, utiliza-se da força física e psicológica, justificando-as como meio de manter a ordem na nação (CANCIAN, 2012).

O período ditatorial foi marcado por sentimentos como a insegurança, a incerteza, a solidão, a dor, a iniquidade, a injustiça e o medo. Renato Janine Ribeiro (1999) explica como esses sentimentos, em particular a dor, estão relacionados com a história de violência da sociedade. O pesquisador mostra em seus estudos que algumas “verdades” são dadas como absolutas. Assim, o indivíduo, para justificar suas atitudes insanas e por vezes autoritárias, utiliza-se dessas meias verdades.

Na perspectiva de retratar os traumas do regime autoritário, a produção literária rompe com os valores convencionais. Os autores utilizam recursos como o deslocamento do foco e a suspensão da linearidade temporal no intuito de aproximar o leitor às expressões dos torturados, uma vez, que esses perderam suas referências de sujeito após experiência com a dor.

Esse momento de castração dos intelectuais que não podiam expressar sua arte, porque tinham que atender à conveniência dos militares, não impediu que alguns escritores registrassem os anos de atrocidades no período ditatorial. Com temas geralmente paradoxais, resultantes da modernização que não deu certo para a maior parte dos brasileiros, esse processo de modernização refletiu-se em apenas duas classes sociais: os ricos, que ficaram mais ricos, e os pobres, que também tiveram sua situação agravada.

Alguns escritores se destacaram com obras que denunciaram as problemáticas sociais, entre elas estão: *Pessach: a travessia* (1967), de Carlos Heitor Cony, *Quarup* (1967), de Antonio Callado, *Bebel que a cidade comeu* (1968), de Ignácio de Loyola Brandão e *Engenharia do casamento* (1968), de Esdras do Nascimento.

Já em meados da década de 70, a produção literária adere à historicidade, assumindo características de um desdobramento estético. Nesse momento a escrita é tida como referência dos romances do período

ditatorial. Alguns recursos são utilizados pelos escritores em suas obras, como o diálogo repleto de ironia.

O romance **A festa**, de Ivan Ângelo desperta na atualidade opiniões divergentes quanto à sua função social. Alguns críticos reconhecem seu caráter denunciativo quanto à ditadura e valorizam o importante papel que o autor teve ao publicar essa obra. Porém, outros afirmam que há muita alegoria na obra de Ângelo. Isto é, relata acontecimentos que não foram experienciados pelo autor, baseando-se apenas nas notícias que saíam sobre o autoritarismo na época. Dessa forma, afirmam que havia uma forte tendência para a abstração (FRANCO, 1998, p.156).

Entretanto, Regina Dalcastagné (2007) defende que a escrita possibilita ao intelectual uma posição sob condições de violência, característica presente na escrita de Ivan Ângelo. E que a literatura política traz em si a discussão do que há de político no interior do próprio fazer literário. A autora afirma que a arte era a única "arma" que alguns possuíam, e por mais fraca que fosse não era inócua.

A FESTA, DE IVAN ÂNGELO

A festa é um romance composto por sete contos que narram histórias aparentemente autônomas. O primeiro conto, intitulado "Documentário" é composto por três partes: "Documentário", "Flash-back" e "Fim do flash-back", não há um único narrador. São recortes de textos que abordam alguns momentos históricos do Brasil, com início em 1859. A primeira parte é narrada em terceira pessoa, com um trecho da reportagem que o Jornal A Tarde suprimiu sobre o acontecimento na Praça da Estação, em 1970, expondo a chegada dos nordestinos. A segunda parte, "Flash-back" faz referência à Guerra de Canudos, a Lampião e ao nascimento de Marcionílio, personagem central desse primeiro conto; há presença da narrativa histórica. E a terceira parte da narrativa é o "Fim do flash-back", que aborda o depoimento de Marcionílio quando foi preso pela polícia no dia do movimento na Praça da Estação. A referência de nome, data e local no final de cada trecho denota ao conto um caráter verossímil.

Já no segundo conto, "Bodas de pérola", observa-se a metáfora, recurso muito utilizado nessa narrativa de Ângelo. A história é uma metáfora da própria história do país. Dois narradores abordam nesse conto uma história de amor desgastada pelo tempo, situação em que se encontravam os brasileiros em relação ao regime autoritário.

“Andrea”, terceiro conto, é narrado em terceira pessoa, a partir de uma biografia que mais adiante será encontrada pelo autor do romance. Na segunda parte do conto “Andrea”, evidencia-se que a obra não segue uma narrativa tradicional, tanto que, nessa parte do conto, a ideia de um narrador relatando o romance fica alheia ao leitor desatento.

O quarto conto, “Corrupção” narra a história de uma família que vivia bem até a chegada do filho. Percebe-se uma fragmentação mais acentuada nesse conto, com três narradores (pai, mãe e filho), e os trechos recebem os títulos conforme o protagonista ou o narrador do mesmo, que vem seguido ainda do ano dos acontecimentos, por exemplo, “pai 1941”. Esse conto apresenta narrativas diversas, os trechos que se referem ao pai possuem narração em terceira pessoa à qual são inseridas falas do pai; nos trechos nomeados filho, o discurso é direto. Observa-se que há preocupação com a verossimilhança, já os trechos narrados pela mãe são em primeira pessoa.

O quinto conto, “Refúgio” relata a volta de Jorge Fernandes para o lar, depois de um dia de trabalho. Há grande intromissão do narrador onisciente, além de uma análise de conflitos nas atitudes da personagem. Jorge vive um conflito entre vida pública e privada, não tem um “eu” definido. É uma personagem complexa.

O narrador onisciente também está presente em “Luta de classes”, penúltimo conto. Ele interfere nos pensamentos e atitudes de cada personagem, assumindo a liberdade de definir um destino a eles: “Ataíde saiu de casa às sete horas da manhã e preocupava-se com a demora do ônibus. Fernando saiu às onze e meia, chateado da vida, por que tinha um título a pagar” (ANGELO, 2007, p. 95).

O monólogo aparece no último conto, “Preocupações, 1968”. Essa narrativa é composta de dois monólogos distintos: o de “uma senhora, mãe de um rapaz” e o de “um delegado de polícia social”. Cada discurso é narrado pelo seu personagem central, a senhora que narra o primeiro monólogo apresenta uma característica autoritária:

Cabelo comprido e minissaia. Se tivéssemos proibido, se todas as mães do mundo tivessem proibido essa liberdade quando começou, protegido os corpos de nossos filhos, se nós tivéssemos proibido que eles se juntassem para aquelas danças de uns anos atrás eles não estariam assim, loucos (...) (ANGELO, 2007, p.102).

O segundo monólogo é o de um delegado de polícia antiquado e autoritário. Nos dois monólogos, ocorre na narrativa um deslocamento do foco,

regime autoritário. As duas personagens se perdem diante da situação de terror existente no país.

Observa-se, contudo, que não há na narrativa uma personagem central. A cada capítulo do romance, uma personagem assume a posição de protagonista. Essa é uma das características da ruptura da narrativa convencional. A mudança na narrativa é tida com uma tomada de consciência crítica assumida por parte dos escritores, que reconhecem na fragmentação a reprodução da expressão da violência. A ausência de linearidade temporal e espacial são alguns dos recursos que representam a violação no regime autoritário, como corrobora Ginzburg.

A fragmentação se tornaria adequada para a representação na realidade, na medida em que as seguintes condições fossem satisfeitas: o entendimento do processo histórico é problematizado, pela sua complexidade e por seu impacto, de modo que a consciência humana, em condições convencionais, não tem como dar conta de sua profundidade, exigindo novo modo de pensar e representar; o sujeito (narrador ou sujeito lírico) que enuncia a representação, por estar em um contexto de autoritarismo e opressão, tem sua individualidade atingida, sua integridade dilacerada, e sua expressão deixa marcas das fraturas provocadas pelo contexto (GINZBURG, 2001, p. 130).

Ângelo tem, em sua obra, elementos comuns à narrativa de Machado de Assis, como a incerteza sobre o sentido do que se conta, a subversão da linearidade temporal, a heterogeneidade de tons e atenção ao interlocutor. Tais elementos fazem com o que o interesse do escritor seja de prioridade no âmbito social. E as obras tanto do período ditatorial, quanto as pós-ditadura têm esse papel de crítica àquela catástrofe. Por meio da obra literária, escritores buscaram representar o impacto que a violência causou e causa ao país. Há, por parte de alguns autores, interesse em evidenciar os problemas vividos pela sociedade brasileira no regime autoritário.

É por meio da fragmentação na obra que o autor possibilita ao leitor entender a violência. O autor se afasta do recurso mimético (imitação da realidade), pois não teria como escrever uma narrativa sequencial quando se fala em ditadura, ou outros períodos de guerras, vistos que são momentos de insegurança, dor, violência, tortura psicológica e física, que só a fragmentação no processo de construção da narrativa aproxima há uma experiência com a realidade (CALEGARI, 2010). A exemplo do seguinte trecho:

Voltaram no dia seguinte. Ela não estava. Esperaram, foram até a casa do pai dela, obrigaram-na a acompanhá-los para interrogatórios, disseram que se fizesse aquilo outra vez o Ataíde ia pagar, que não saísse mais de casa sem a ordem deles. Aquele mesmo do dia anterior tirou o pau duro fora e disse: pega aqui. Ela não quis, eles bateram nela de leve, palmadas na bunda e tapinhas no rosto, durante uns cinco minutos, tapando-lhe a boca, e foram embora apressados dizendo que estava na hora (ÂNGELO, 2007, p. 179).

Ao término da leitura em **A festa**, o leitor fica com a sensação de que não teve um final para as personagens, tentando entender o que aconteceu depois da última festa. Há personagem que nem é mais citado ao final da obra. É o caso de Fernando, do sexto conto, "Luta de Classes (vidinha, 1970)", que narra atitudes cotidianas de dois homens, Ataíde e Fernando. Já Ataíde tem um desfecho na parte do romance "Depois da Festa":

Fernando saiu às cinco e meia do escritório, e estava bebendo desde as vinte para as seis, ele era bom para essas coisas, quando implicou com um mulato que esbarrou no seu copo depois de comprar uma cocada preta no balcão: vê se toma cuidado, ô veado.

Ataíde não teve dúvidas e meteu o braço (ÂNGELO, 2007, p. 96).

Contrapondo o que Fábio Lucas (1985) define como negatividade da narrativa, isto é, a inconstância e o caráter inacabado na obra têm um sentido de negação, porque não apresentam uma solução ao problema que está sendo apresentado. **A festa**, por sua vez não teria a mesma intenção de formação da consciência crítica se desse um final satisfatório às personagens, uma vez que a narrativa relata fatos de um período conflituoso, violento e incerto. Se o autor apresentasse um desfecho à obra, privaria o leitor da experiência com a violência. Não é mera ficção, e sim um registro de um período marcado pela opressão, pela censura, momento em que o indivíduo estava privado de exprimir suas angústias. Uma época em que o silêncio era o único dever do cidadão, em que calar-se era obrigação diante ao terror.

A PRESENÇA DA VIOLÊNCIA NAS PERSONAGENS DE A FESTA

A obra que Ângelo intitulou **A Festa**: Romance, Contos registra um momento histórico do Brasil - a ditadura militar, "pano de fundo" das narrativas que compõem o livro. Escrita na década de 70 - auge e, início, do

declínio da ditadura militar - a narrativa apresenta uma estrutura em que cada conto tem sua personagem principal e com histórias independentes e que se cruzam nas partes finais do romance, porém, sem um desfecho definido. Por se tratar de uma obra não linear, não tem uma estrutura convencional de início, meio e fim.

A fim de elucidar como se constitui a violência em narrativas ficcionais, é preciso observar como o autor aborda temáticas de um contexto histórico do país, por meio da representação de suas personagens. Para melhor compreensão, far-se-á a análise de três, dos sete contos, da obra *A festa*.

"Documentário" (sertão e cidade, 1970)

Como sugere o título, este capítulo aborda as problemáticas do país no sertão e na cidade desde os anos de 1930. São relatos com depoimentos dos presos após uma rebelião na Praça da Estação em Minas Gerais. Os acontecimentos são narrados em *flashbacks*. O nordestino Marcionílio de Mattos protagoniza essa história. Para os militares, ele seria o mentor da rebelião em que um trem pega fogo causando tumulto e desordem na Estação de trem, em Belo Horizonte. Os trechos publicados nos jornais relatam que Marcionílio teria comandado esse movimento no trem, em decorrência da insatisfação dos nordestinos com a forma como foram recebidos no Estado de Minas Gerais.

Há na personagem do nordestino Marcionílio a presença da miséria como uma forma de violência. Já em relação ao repórter Samuel a violência está na censura, por não poder publicar no jornal em que trabalha os acontecimentos na Estação. Simboliza-se, através da história dessa personagem, o controle dos militares sobre a imprensa.

"Andrea" (garota dos nos 50)

Narra à história de uma garota de dezessete anos, carioca, que tinha um sonho, viver um grande amor. Sonhava em ver a passagem do século, uma analogia ao anseio de liberdade. A jovem não era muito bem quista no ambiente de trabalho, os colegas a tinham como superficial e lhe atribuíam como único potencial sua beleza física. Tem sua vida íntima invadida e ridicularizada.

Andrea é um retrato de como as mulheres jovens e bonitas eram vistas na época da ditadura, sem personalidade, fúteis e submissas. A ditadura coincide com a luta pela liberdade do sexo pelas mulheres. Essa independência feminina é confundida com promiscuidade. A sociedade "de aparência" não podia se misturar com mulheres como Andrea, consideradas vulgares (ÂNGELO, 2007, p. 63).

No entanto, Andrea, talvez, seja a protagonista desse romance, uma vez que sua história é contada com um estilo cheio de valorações e preconceito. Tem sua vida exposta, através de uma biografia feita por um colega da redação. Aqui se evidencia um dos recursos utilizados pelos escritores no período da ditadura, o diário íntimo. Esse diário posteriormente passa a ser objeto de tortura psicológica usado pela polícia.

- Aqui diz que a senhorita tem uma pinta no lado direito do clitóris. Ela olhou com os olhos indignados para todos eles, procurando socorro. O sangue tingiu de vermelho todo o seu rosto e pescoço. O caderno tremia na sua mão. Ela tentou rasgá-lo depressa, com ódio. O homem sentado na mesa avançou as mãos.

- Não faz isso.

Segurou seus dois pulsos, impedindo-a de mover as mãos e prosseguir rasgando. Segurava a mão esquerda dela muito perto do sexo dele. (Puxando-a mais para lá?) Ela abriu as mãos, soltou o caderno, recuou com força a mão esquerda (ÂNGELO: 2007, p. 162).

"Depois da Festa" (índice dos destinos)

Essa é a última parte do livro. Aqui será apresentado o desfecho de alguns personagens. Tem como subtítulo "Índice remissivo das personagens, por ordem de entrada ou de referência, com informações sobre o destino das que estavam vivas durante os acontecimentos da noite de 30 de março" (ANGELO, 2007, p. 149). As personagens de destaque nos contos representam as classes que marcaram a ditadura militar, retirantes nordestinos, jornalistas, artistas, estudantes, jurídicos, além da burguesia, polícia e militares.

A festa é marcada pela constante presença da violência, do autoritarismo e da opressão. A proposta da obra em "aberto", talvez seja despertar no leitor um fato existente: a ditadura militar não acabou na década de 80. Esse passado de violência estará sempre presente na memória da História brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse em analisar essa obra se deve à maneira como o autor estruturou o romance, implicando a sua inquietação em retratar a problemática da ditadura no país e as consequências que se arrastam até os dias atuais.

Para a realização da pesquisa foi necessário um resgate sobre a história de formação da sociedade brasileira e da ditadura militar. Ressaltando que o romance escolhido para ser analisado tem laços estreitos com a história do país, comprovado tanto histórica quanto jornalisticamente, o que justifica o fato de o possível narrador ser um jornalista.

À vista disso, fez-se, primeiramente, a apresentação do autor e a temática da pesquisa, continuou com um levantamento sobre a formação da sociedade brasileira desde a colonização até o momento de análise da obra – a ditadura militar. Posteriormente, realizou-se uma pesquisa sobre os limites da narrativa, para entender como uma obra fragmentada pode relatar fatos históricos. Ressalta-se, portanto, que a escrita foi uma forma de resistência encontrada pelos autores para lutarem pelos problemas que circundavam o país.

E, por fim, a análise e a interpretação da obra **A festa**, analisando-se os personagens, as atitudes e comportamentos de cada um, relacionando a obra ficcional com o momento histórico abordado no romance. Dessa maneira, constata-se que o escritor critica a arbitrariedade dos governantes, mas também faz crítica à sociedade que nada faz diante do autoritarismo que rege o país.

Observa-se que, por ser uma obra que acomete um momento de violência e dor, há no trabalho um elemento muito marcante em obras que abordam essa temática, uma linguagem com aspectos de estranheza, no que diz respeito a descrever atos violentos, falar de tortura, repressão, mas que se faz necessário para a compreensão da narrativa.

A festa não é uma obra "acabada". Visto que a intenção de Ivan Ângelo é incitar no leitor a angústia de ler algo que não tem um início, meio e fim. Assim, representando as pessoas que viviam durante o regime militar, a sequência de suas vidas que era incerta e, por vezes, interrompida. Em nenhum momento há a intenção do autor em afirmar à sociedade quem são os "mocinhos indefesos" e as vítimas de tais atrocidades, tampouco colocar os militares como os "vilões" nesse romance. Para o autor existe uma parcela de culpa em ambos. Essa falta de consciência crítica e reflexão a respeito do conceito de liberdade está acirrando e trazendo à tona

conflitos políticos-partidários que instigam, por parte de alguns brasileiros, o desejo de retorno ao regime autoritário.

Com isso, afirma-se a necessidade da representação de traumas em uma sociedade através da ficção, seja em uma obra literária, filme, documentário, novela, pintura, música ou livros históricos, apesar de ser dolorosa. Nessa perspectiva, faz-se imprescindível entender como a arte pode retratar a história de períodos de dor e violência ainda não superados.

Esta, sem dúvida, é a função da arte literária: registrar e apresentar, àqueles que por algum motivo desconhecem, a verdadeira história da formação social brasileira.

Esse momento ainda presente na memória de alguns cidadãos não pode ser esquecido e nem "abafado". Contudo, este trabalho busca suscitar em outras pesquisas o interesse pelas causas humanísticas e pela forma como a literatura cria recursos para representar de uma forma apropriada a violência.

ABSTRACT

This paper examines the way how violence is represented in the novel *A festa*, in order to highlight the strategies of the author when reporting, through art, a moment in the history of the country, a period of violence and authoritarianism. The work presents a fragmentary feature, which seeks to represent the dictatorship in its real "face", addressing its consequences for the Brazilian society. To conduct the survey, we resort to the historical articles and works of literary-critical nature, such as FRANCO (1988), LUCAS (1985) and GINZBURG (2001), among others.

Keywords: Violence and Authoritarianism. Novel. Dictatorship.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Ivan. **A festa**: romance, contos. 12^a ed. Rio de Janeiro: Geração Editorial, 2007.

CALEGARI, Carlos Lizandro: **A ficção brasileira pós-64**: Notas sobre o autoritarismo e a fragmentação em *A festa*, de Ivan Ângelo. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 35 n. 58, p. 54-73, jan.-jun. 2010.

CANCIAN, Renato. **Breve História do Regime Militar**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/historia-regime-militar.jhtm>>. Acesso em 12 de abril de 2012.

CANDIDO, Antonio. A verdade da repressão. **In: Teresina** etc. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1972, p. 113-118.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Nas tripas do cão:** a escrita como espaço de resistência. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n°. 29. Brasília, janeiro-junho de 2007, pp. 55-66.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil:** História do Brasil cobre um período de mais de 500 anos, desde as raízes da colonização portuguesa até nossos dias. São Paulo: Edusp, 1996.

FRANCO, Renato. **Itinerário político do romance pós-64:** A festa. São Paulo: UNESP, 1998.

GINZBURG, Jaime. **A violência constitutiva:** notas sobre autoritarismo e literatura no Brasil. Letras (Santa Maria), Mestrado em Letras da UFSM, v. 18/19, p. 121-144, 2001.

GINZBURG, Jaime. Escritas da tortura. **Diálogos latinoamericanos**, número 003. Universidad de Aarhus, Latinoamericanistas, 2001, pp. 131-146.

LUCAS, Fábio. **Vanguarda, História e Ideologia da Literatura.** São Paulo: Ícone, 1985.

RIBEIRO, Renato Janine. A dor e a injustiça. **In: COSTA**, Jurandir Freire. Razões públicas, emoções privadas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. **In: PEREIRA, Carlos Alberto et al.** Linguagens da violência. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.